

ECOLOGIA PENTECOSTAL – O MEIO AMBIENTE EM UMA PERSPECTIVA ASSEMBLEIANA.

Jonas José de Oliveira Maria¹

RESUMO

Este artigo propõe analisar o tema da ecologia numa perspectiva pentecostal, mais especificamente entre os assembleianos. É, na verdade, um ensaio para um tema que está sendo trabalhado por este autor em uma tese de doutorado em teologia sobre a relação das Assembleias de Deus do Brasil com o meio ambiente entre outros temas. Termos como responsabilidade ecológica, sustentabilidade, consciência ambiental e engajamento ecológico são notórios em todas as áreas da sociedade nos dias atuais. Obviamente que a religião não ficaria de fora deste assunto tão recorrente e urgente. Obter, portanto, uma correta visão sobre a doutrina da criação, atrelada à doutrina do Espírito Santo é fator essencial para que o assembleiano seja despertado para o seu papel na responsabilidade ecológica.

Palavras Chaves: *Assembleias de Deus; Ecologia; Responsabilidade*

ABSTRACT

This article proposes to analyze the topic of ecology from a Pentecostal perspective, more specifically among assemblies. It is, in fact, an essay on a topic that this author is working on in a doctoral thesis on the relationship between the Assemblies of God in Brazil and the environment, among other topics. Terms such as ecological responsibility, sustainability, environmental awareness and ecological engagement are notorious in all areas of society today. Obviously, religion would not be left out of this recurrent and urgent matter. Obtaining, therefore, a correct view of the doctrine of creation, linked to the doctrine of the Holy Spirit, is an essential factor for the assembly member to be awakened to his role in ecological responsibility

Key Words: *Assemblies of God; Ecology; Responsibility*

¹ Graduado em Gestão de Negócios pela Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE (SP). Graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Mestrado em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR (PR). Doutorando em Teologia pela PUC (PR). Diretor e Professor de teologia no Instituto de Educação e Teologia em Presidente Prudente (SP). Pastor da Assembleia de Deus em Regente Feijó (SP). E-mail: pastorjonasjose@hotmail.com

Introdução

O termo “ecologia”, remete às questões teológicas, visto que seu significado em grego é a junção de duas palavras: “oikos”, que significa “casa”, e “logia”, que significa “estudo”. Portanto, o termo refere-se ao estudo do local onde vivemos. O universo é nossa casa, e essa casa precisa de cuidados. O termo não aparece na Bíblia, mas outro termo bíblico relacionado com este é a palavra “despenseiro”, utilizado pelo apóstolo Paulo em sua Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 4, versículos 1 e 2: Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel”.

O termo também aparece em algumas traduções no Antigo Testamento, no livro do profeta Daniel, no capítulo 1 e versículos 11 e 16. O termo grego para despenseiro é “oikonomos”, sendo que “oikos” significa “casa” e “nomos” significa “lei”. “Oikonomos” fala das leis de uma casa. “Um despenseiro (*oikonomos*) é alguém que administra uma casa e presta contas ao proprietário”.² No contexto deste artigo, este despenseiro é cada ser humano que vive nesta casa, no caso, o planeta terra. Ter consciência despertada para esta realidade é ponto fundamental para a compreensão da relação do cristão com o meio ambiente.

Se as Escrituras afirmam que o cristão é um administrador na figura de um despenseiro e o universo é a casa de todos, qual é o papel do cristão diante dos desafios nas questões ligadas ao meio ambiente? Para se usar os termos gregos, é possível dizer que o “oikonomos” cuida do “oikos”. Essa pessoa sabe as regras da administração desta casa. Em outras palavras, o cristão sabe qual o seu papel diante dos emblemas ecológicos dos dias atuais e precisa se comportar de modo a cuidar da terra, defender os interesses do planeta e lutar pela sustentabilidade ambiental em todos os seus níveis.

O despenseiro, nos tempos de Cristo, também era aquele que cuidava da despensa e era o responsável por não deixar faltar o alimento. Daí o dever de todo cidadão, e, no contexto deste artigo, de todo assembleiano, com a ecologia. Segundo o texto bíblico, “requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel”. Há fidelidade do “oikonomos” com o “oikos”? Este ensaio busca respostas para esta questão reflexiva, no sentido de analisar o papel dos assembleianos com a ecologia e levantar questões pontuais sobre a necessidade de um comprometimento dos crentes com o ecossistema, sem menosprezar

² Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego. 2ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 1198.

as doutrinas que são centrais para os pentecostais, no caso, sobre a Pessoa e obra do Espírito Santo.

1. Assembleianos e a Ecologia.

Por sua ênfase na soteriologia³, pneumatologia⁴ e escatologia⁵, as ADs são criticadas por sua pouca ênfase nas questões ecológicas. Na centralidade da salvação da alma, da busca pelo Espírito Santo e na espera pelo retorno de Jesus Cristo para buscar a igreja, a denominação pentecostal tem dado pouca importância – dizem os críticos – para o meio ambiente e o cuidado com a terra. A ecopentecostalidade das Assembleias de Deus, para usar um termo de Álef Monteiro⁶, se dá em um momento de ativismo ambiental em todo planeta. Personalidades da música, cinema e moda se empenham na luta contra o desmatamento, a emissão de gases prejudiciais à natureza e o engajamento nas questões ambientais.⁷

Monteiro, por exemplo, defende que diante dos problemas socioambientais as igrejas pentecostais ficaram sem saída e tiveram também que tratar do tema.⁸ Por outro lado, há registros de defesa e luta para a preservação do meio ambiente nos documentos oficiais das Assembleias de Deus, a exemplo das Lições Bíblicas, onde os autores reforçam o papel ambiental da denominação: “Atualmente muitas reservas ecológicas são queimadas e espécies em extinção eliminadas pela ação inconsequente, criminosa e irresponsável daqueles que utilizam dos recursos naturais de forma indevida”, afirmou Antonio Gilberto em comentário da revista de Escola Dominical, em 2014.⁹

Em sua tese de doutorado, Ângela Maringoli ressalta a importância do tema da ecologia para a educação teológica. Em sua obra *Teoambientologia*, ela ressalta a importância da Missão Integral, o que ela chama de Missão Transformadora, e que foi fruto do congresso em Lausanne em 1974, reconhecidamente o mais importante evento cristão na questão da evangelização e consciência social do crente. Maringoli lembra que

³ Doutrina ou estudo sobre a salvação. O termo soteriologia é a junção de dois termos gregos, *soter*, que significa salvação, e *logia*, que significa estudo ou tratado.

⁴ Doutrina ou estudo sobre o Espírito Santo. O termo Pneumatologia é a junção de dois termos gregos, *pneuma*, que significa espírito, e *logia*, que significa estudo ou tratado.

⁵ Doutrina ou estudo sobre as últimas coisas. O termo Escatologia é a junção de dois termos gregos, *scaton*, que significa últimas coisas, e *logia*, que significa estudo ou tratado.

⁶ MONTEIRO, Álef. O que realmente importa neste mundo? Reflexões antropológicas sobre a ecopentecostalidade assembleiana. *Sacrilegens*, Juiz de Fora (MG), v. 17, n. 2, pg. 97-114, jul-dez/2020.

⁷ Leonardo DiCaprio, Bono, vocalista da banda U2, Gisele Bündchen, para citar alguns.

⁸ MONTEIRO, 2020, p. 98.

⁹ GILBERTO, 2014: Lições Bíblicas, 1º Trimestre de 2014, pag. 74.

as ADs participaram ativamente no congresso em Lausanne e que a CPAD, editora oficial da denominação, foi a primeira a imprimir o pacto de Lausanne em português, mas que ao longo dos anos destoou de outras orientações teológicas no quesito meio ambiente. “A Missão Transformadora, para alguns desses ministérios, passou a ser mais um movimento político com viés marxista e assistencialista na busca de executar obras sociais e humanitárias e nada evangelísticas”.¹⁰

Neste sentido, é preciso perguntar se há engajamento ecológico da denominação e a ênfase dada às questões ambientais tão frisadas nos dias atuais. Os membros das ADs recebem instrução sobre o despertar de uma consciência ecológica? Estão comprometidos com a preservação ambiental? Praticam gestos no dia a dia que podem fazer diferença no cuidado da terra? Estas questões são importantes e necessárias para as reflexões tanto no campo da pesquisa quanto na vivência da membresia em sua vida litúrgica.

2. A História e a Ecologia.

A busca do ser humano na compreensão da dinâmica da natureza remete ao início da História. Em uma visão teológica, desde o Gênesis, primeiro livro da Bíblia, o ser humano manteve sua relação direta com a natureza. De acordo com o registro bíblico, conforme se lê em Gênesis 1.26 que afirma: “E disse Deus: Façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra”¹¹. Essa busca pela compreensão da natureza, conforme explicitado acima, passou por todo período da Antiguidade, perpassou pela Idade Média e alcançou a Idade Moderna. Paulo Júnior lembra que “na segunda metade do século XX que a responsabilidade com o meio ambiente começou a ser tratada com seriedade por parte da sociedade”.¹²

Paulo Júnior lembra que a questão da responsabilidade ecológica passou a fazer parte das pesquisas científicas, desde 1990, passando pelas áreas das Ciências

¹⁰ MARINGOLI, 2020, p. 72,73.

¹¹ BÍBLIA SAGRADA.

¹² JUNIOR, 2022, p. 198.

Biológicas¹³, Ciências Sociais¹⁴ e também Ciências Humanas, com destaque para a Teologia. O afastamento da religião, especialmente no período do Iluminismo, enfraqueceu a teologia, dando lugar ao avanço científico.¹⁵

O emprego sistemático da razão, do livre exame da realidade – traço que caracterizava os pensamentos do século XVII, os chamados racionalistas –, representou um grande avanço para libertar o conhecimento do controle teológico, da tradição, da “revelação” e, conseqüentemente, para a formulação de uma nova atitude intelectual diante dos fenômenos da natureza e da cultura.¹⁶

Entretanto, esse afastamento deu lugar à aproximação, especialmente com a entrada do século XXI, conforme explica Alister McGrath:

O declínio da antipatia moderna para com a religião tem suscitado vários debates, cada vez mais significativos, sobre o papel da religião na cultura humana e na vida intelectual. A crescente conscientização da importância da religião em relação a questões ambientais – por exemplo, mediante a ressacralização da natureza – fomentou um novo interesse nas “interpretações” religiosas da natureza.¹⁷

Esta nova aproximação, apresentada por McGrath também é perceptível no Brasil, entre os evangélicos. Daí a necessidade de uma análise desta relação das ADs com o meio ambiente. Essa ressacralização da natureza, conforme expõe McGrath, é um retorno à doutrina da criação, ou um retorno ao que as Escrituras enfatizam sobre o meio ambiente, tema do próximo capítulo.

3. A Bíblia e a Ecologia.

A ecologia sempre esteve presente nas Escrituras, livro que o assembleiano defende como inspirado pelo Espírito Santo. Desde Gênesis, capítulo um, no relato da criação, até Apocalipse, capítulo 22, sobre a nova criação, a ecologia nunca esteve ausente das páginas sagradas. O ambiente do primeiro ser humano é um *habitat* ecológico, dentro do Jardim do Éden. A arca construída por Noé veio da natureza, feita de madeira. As promessas de Deus garantidas à Abraão são sinalizadas pelas estrelas do céu. As planícies de Sodoma e Gomorra, os gados de Abraão, os poços de Isaque e o trigo administrado por José provém da natureza. Uma leitura rápida no livro de Êxodo e vê-se claramente a

¹³ Trata-se de estudos na Biologia, Química, Física, Geografia, entre outras.

¹⁴ Paulo Júnior exemplifica a área da engenharia que trabalha com materiais para cuidar melhor do meio ambiente, energia elétrica, reutilização da água, etc.

¹⁵ Carlos Martins, citando Francis Bacon (1561-1626), afirmou que após o século XVI até o século XIX, a teologia deixaria de ser uma forma norteadora de pensamento e de autoridade. Veja: MARTINS, 1982, p. 17.

¹⁶ MARTINS, 1982, p. 18.

¹⁷ MCGRATH, 2019, p. 47.

ecologia do Egito presente na vida do povo de Israel, tanto dentro do país quanto em sua trajetória pelo deserto.

Inclusive na mesa dos hebreus. A gastronomia judaica é ecológica. Josué deseja entrar em Canaã, terra que os cachos de uvas são tão grandes que dois homens precisam carregar. A Arca da Aliança, feita de madeira, mantinha as tábuas de pedra, o maná e a vara de Arão. Pode se dizer que era uma caixa ecologicamente sustentável, e que representava a presença de Deus entre o povo. Já Rute está comprometida ecologicamente ao ir trabalhar na lavoura de Boaz, seu futuro marido. Salomão vê na natureza uma oportunidade para construir o templo, uma das sete maravilhas do mundo antigo. Dentre os profetas menores, diversos deles citam questões ligadas a ecologia, com destaque para Habacuque, que falou de árvores, azeite, trigo e leite (Habacuque 3.17). Por todo o Antigo Testamento, a ecologia esteve presente na história do povo de Deus.

O Novo Testamento, por sua vez, começa ecologicamente equilibrado com a voz que clama no deserto. João Batista se veste com pele de camelo, tem um cinto de couro, come gafanhotos e mel silvestre. Jesus foi o que mais falou sobre a natureza em toda a Escritura. Discorreu sobre os rios, mares, árvores, montanhas, pássaros e animais. Assim como a Palavra de Deus reconstruiu a terra sem forma e vazia, em Gênesis 1, a voz de Jesus também repreendeu a fúria do vento e o bramido das ondas do mar.¹⁸ O apóstolo Paulo falou do gemido da natureza e João, o discípulo amado, falou do novo céu e da nova terra. A Bíblia toda é ecológica, do começo ao fim.

4. A Teologia da criação como chave hermenêutica para a relação das ADs com o meio ambiente.

A chamada teologia da criação sempre foi assunto tratado entre os evangélicos. Pentecostais ou não, os cristãos evangélicos recorrem às Escrituras para compreensão da teologia da criação. A Declaração de Fé das ADs não utiliza o termo, entretanto fala de um só Deus que é “Criador do Universo, de todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis”.¹⁹ Ao falar sobre o Espírito Santo na criação, o material teórico das

¹⁸ Obviamente que o mundo do primeiro século depois de Cristo era quase em sua totalidade agrícola. Mas, Jesus não apenas vivenciou um ambiente ecológico e manteve contato direto com a natureza. Ele incluiu a ecologia em seus ensinamentos, suas pregações e suas parábolas, muitas delas fazendo menção às questões ambientais.

¹⁹ Declaração de Fé das Assembleias de Deus, 2017, p. 21.

ADs diz sobre o papel vivificador da Terceira Pessoa da Trindade.²⁰ Deus é o Ser Supremo, criador do céu e da terra e mantenedor de todas as coisas, conforme diz o profeta Isaías: “Porque assim diz o Senhor que tem criado os céus, o Deus que formou a terra e a fez; ele a estabeleceu” (Is 45.18). Ainda sobre a teologia da criação, a Declaração afirma: “A Bíblia ensina que o universo foi planejado por Deus antes de ser criado. Planejamento, origem e manutenção de todas as coisas no céu e na terra envolvem governo e preservação de toda a criação”.²¹

Ao citar o texto de Hebreus 1.3, onde está escrito que Deus está “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder”, a Declaração observa que “A preservação é o cuidado divino em conservar e manter todas as coisas criadas [...] inclui o homem na providência divina, bem como os demais seres vivos, sejam eles animados ou inanimados, e toda a natureza”.²² Há, portanto, uma consciência ecológica dentro da Declaração de Fé assembleiana quando afirma que o Espírito Santo participou ativamente da criação do universo. Os Credos Ecumênicos, anexados no material da CPAD, dão conta de falar da ecologia dentro da teologia. O Credo dos Apóstolos, por exemplo, afirma: “Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra”.²³ A mesma afirmação também aparece no Credo Niceno e no Niceno-Constantinopolitano.²⁴

Ainda sobre a teologia da criação, este artigo também recorre a “Teologia Sistemática Pentecostal”, um livro publicado pela CPAD em 2008, um material doutrinário importante para a denominação que reuniu teólogos assembleianos para compor uma obra que expôs os fundamentos históricos da fé pentecostal, com um olhar sobre três temas que estão interligados com a questão ecológica: Teologia, Pneumatologia e Escatologia. A narrativa assembleiana sobre esses conteúdos pode oferecer uma reflexão sobre o que a denominação entende sobre o cuidado com o meio ambiente.

Sobre a teologia, Esequias Soares da Silva explica que o argumento cosmológico apresenta a evidência da existência de Deus, afinal, o universo por si mesmo não pode ser

²⁰ Declaração de Fé das Assembleias de Deus, 2017, p. 22

²¹ Declaração de Fé das Assembleias de Deus, 2017, p. 35

²² Declaração de Fé das Assembleias de Deus, 2017, p. 35

²³ Declaração de Fé das Assembleias de Deus, 2017, p. 217

²⁴ Declaração de Fé das Assembleias de Deus, 2017, p. 218,219. Ao anexar os Credos Ecumênicos na Declaração, o pastor Esequias Soares, organizador do material, afirma que “Os Credos considerados universais são conhecidos como ‘Credos Ecumênicos’, visto que a sua aceitação é ampla e não se restringe a uma ou outra região” (p. 16). Soares ainda diz que “Esses credos são geralmente aceitos por católicos romanos, ortodoxos gregos e protestantes, pois seu conteúdo é comum às principais religiões que ostentam a bandeira de Cristo” (p. 17).

explicado e nem autocriado. Portanto, há um Deus que criou todas as coisas. Silva lembra sobre o testemunho da natureza para falar da existência de Deus:

O testemunho da natureza não apresenta a divindade com os mesmos detalhes das Escrituras. Contudo, é suficiente para mostrar com clareza a existência do Criador, o seu poder e a sua sabedoria. [...] A natureza é uma prova irrefutável da existência do Criador, assim como um relógio e um automóvel pressupõem um idealizador. É claro que os tais não vieram à existência do nada ou por acaso. Alguém planejou e pensou em todos os detalhes, para obter um bom funcionamento tanto do relógio quanto do automóvel. Isso se aplica também ao Universo: Alguém sábio e perfeito planejou-o e o trouxe à existência.²⁵

O autor ainda reitera que “Deus criou o Universo do nada, *ex nihilo*”.²⁶ Com base no texto de Gênesis 1.1: “No princípio criou Deus os céus e a terra”, Silva argumenta que o termo “criar” vem do verbo hebraico “*bara*”. “O verbo hebraico *bara*, ‘criou’, denota o conceito de ‘iniciar alguma coisa nova’ em um certo número de passagens. Trata-se pois, de um termo essencialmente teológico”.²⁷ Esequias também escreve sobre a providência divina e explica que o termo significa a atividade de Deus na preservação de sua criação até o destino final. O que se insere no texto é que, se Deus preserva sua criação, porque seus filhos não deveriam trabalhar na preservação do meio ambiente e na consciência ecológica sob as lentes das Escrituras?

Na “Teologia Sistemática Pentecostal”, o tema da Pneumatologia, ou estudo ou tratado sobre o Espírito Santo, é comentado por Antonio Gilberto. O autor não trata especificamente sobre a ação do Espírito Santo na criação, mas apenas cita o texto de Gênesis 1.2, onde se lê que o Espírito de Deus e movia sobre a face das águas. Gilberto lembra do poder do Espírito Santo sobre todas as coisas. “Ele é infinito em existência; sem princípio; sem fim; sem limitação de tempo (Hb 9.14). Ele estava presente no princípio, quando todas as coisas foram criadas”.²⁸ Ainda sobre a descrição do Espírito Santo como criador de todas as coisas, Gilberto cita diversos textos da Bíblia, a saber: Jó 26.13; 33.4; Salmo 33.4; 104.3; Gênesis 1.1,2; Ezequiel 37.9,10). Ademais Antonio Gilberto lembra ainda que na criação a Trindade participou ativamente, sendo que o Deus Pai planejou a criação, o Deus Filho executou e o Deus Espírito vivificou todas as coisas criadas.²⁹

Em relação ao terceiro tema, e que está ligado à ecologia, a doutrina das últimas coisas ou a escatologia, é descrito por Ciro Sanches Zibordi, na teologia sistemática

²⁵ SILVA, 2008, p. 60.

²⁶ SILVA, 2008, p. 84.

²⁷ SILVA, 2008, p. 84,85.

²⁸ GILBERTO, 2008, p. 176.

²⁹ GILBERTO, 2008, p. 179.

assembleiana. Assim como Antonio Gilberto, o escritor Ciro Zibordi também não tece comentários densos sobre a ecologia dentro da escatologia. Lembra apenas das palavras de Jesus de que os terremotos e abalos sísmicos na natureza são sinais indicadores dos últimos dias.³⁰ Em outro momento, Zibordi diz apenas que durante o período do milênio, que, segundo a crença assembleiana, acontecerá após o segundo retorno de Jesus, de modo visível, para salvar a nação de Israel, a terra estará em paz e o instinto de ferocidade dos animais desaparecerá: “Eles não mais se atacam nem serão agressivos quando os seres humanos deles se aproximarem; voltarão a comer ervas (Gn 1.30)”.³¹

Desse modo, o estudo das três áreas teológicas (Teologia, Pneumatologia e Escatologia) são tratados com vistas ao cuidado com o meio ambiente. Outra obra também de cunho teológico é a Teologia Sistemática de Eurico Bergsten. O autor chama de “revelação geral” o meio ambiente que revela a existência de um criador. Sobre o poder criador de Deus, o autor lembra que a “Bíblia apresenta Deus como um Ser divino e ativo, que trabalha [...] A sua criação testifica da grandeza de seu poder (cf. Jr 10.12; 32.17; 51.15), sendo uma expressão da sua divina vontade (cf. Ap 4.11).³² Tanto Bergsten quanto outros teólogos assembleianos sempre citam Charles Darwin e a teoria da evolução, afirmando que a narrativa de Darwin é uma afronta contra as Escrituras, pois a Bíblia afirma que tudo foi feito pelo poder da Palavra de Deus e não pelo fruto de uma evolução das espécies.

Sobre o tema do Espírito Santo na criação, praticamente Bergsten não faz nenhuma citação, atendo-se especificamente na ação do Espírito Santo na vida das pessoas. O mesmo acontece com seu capítulo escatológico. Bergsten se atém no quesito da ressonância da natureza no final dos tempos, que estará em desordem com o aumento de terremotos e outras catástrofes climáticas, como prova do iminente retorno de Jesus Cristo para buscar sua Igreja.³³ A terra será regenerada somente no período do Milênio, chamado pelo autor de “o último dos grandes períodos históricos, antes do raiar da eternidade”.³⁴ Em outras palavras, a ecologia será diretamente afetada positivamente como uma das características do período milenial:

A vegetação estará liberta da maldição no dia da queda (cf. Gn 3.17,19). Toda criação será liberta da escravidão (cf. Rm 8.18,22) e a terra será fértil, de modo

³⁰ ZIBORDI, 2008, p. 491.

³¹ ZIBORDI, 2008, p. 542.

³² BERGSTEN, 1999, p. 41.

³³ BERGSTEN, 1999, p. 303,304.

³⁴ BERGSTEN, 1999, p. 355.

que os lugares secos se tornarão em jardins verdejantes [...] Até a fauna será alcançada pelas bênçãos do Milênio. Uma vez abolida a maldição original, nenhum animal causará dano ao homem (cf. Is 11.9). As feras conviverão com o homem (cf. Is 11.6,7,8; 65.25; Ez 34.25; Os 2.18; Is 35.9). Os homens estarão livres dos insetos. Como será maravilhoso para a humanidade!³⁵

A percepção do argumento de Bérghsten é que o foco aponta para o futuro ecológico, e não para a consciência ambiental presente. Entretanto, na análise do discurso teórico assembleiano, vê-se que o não dito não significa que a denominação não é a favor do cuidado com a terra, visto que em diversos materiais se defendeu o cuidado com o meio ambiente. Em sua obra, Eni Orlandi pontua sobre a questão do que não é dito em um discurso:

Vale lembrar que há outra forma de se trabalhar o não-dito na análise de discurso. Trata-se do silêncio (E. Orlandi, 1993). Este pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido.³⁶

A fala de Orlandi no contexto deste artigo pressupõe que o silêncio dos assembleianos sobre a questão ecológica em alguns de seus materiais teóricos, não representa a contrariedade no apoio às pautas que defendem o cuidado com a terra. O silêncio dentro da narrativa também é representativo, pois pode apontar para uma questão de ênfase. Dito de outra forma, a ênfase escatológica reforça o lembrete aos crentes sobre seu futuro no céu, mas não ignora o zelo pela terra enquanto o relógio dos últimos tempos não aponta para a hora do fim, o fechamento da história, por assim dizer.

Conclusão

Este artigo apresentou um ensaio sobre as Assembleias de Deus e a ecologia, pontuando a necessidade de um engajamento ecológico por parte dos pentecostais. Desde o Éden, o primeiro ser humano lidou de modo direto com a natureza, não no sentido da exploração, mas no cultivo da terra. Como se viu, em toda a Bíblia se fala sobre meio ambiente e a responsabilidade do cristão em relação à natureza, que proclama as obras de Deus, para se usar a expressão do Salmo 19.1-3: “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes”.

³⁵ BERGSTEN, 1999, p. 360.

³⁶ ORLANDI, 2015, p. 81.

REFERÊNCIAS

BERGSTEN, Eurico. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego. 2ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2011

GILBERTO, Antônio. **Soteriologia – A doutrina da salvação**. In: Teologia Sistemática Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GILBERTO, Antônio. **Pneumatologia – A doutrina do Espírito Santo**. In: Teologia Sistemática Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GILBERTO, Antônio. **Uma jornada de fé: A formação do povo de Israel e sua herança espiritual**. Rio de Janeiro: CPAD, Lições Bíblicas, 1º Trimestre de 2014.

JUNIOR, Paulo Jonas dos Santos. **Teologia, Ecoteologia e Sustentabilidade na perspectiva pentecostal**. In: ALENCAR, Gedeon Freire; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Farias. **Pentecostalismo, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas**. Vitória (ES): RELEP, 2022.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Natural – Uma nova abordagem**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

MARTINS, Carlos B. **O que é Sociologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MARINGOLI, Angela. **Teoambientologia: um desafio para a educação teológica**. São Paulo: Recriar, 2020.

MONTEIRO, Álef. **O que realmente importa neste mundo? Reflexões antropológicas sobre a ecopentecostalidade assembleiana**. Sacrelegens, Juiz de Fora (MG), v. 17, n. 2, pg. 97-114, jul-dez/2020.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª Edição. Campinas (SP): Pontes Editores, 2015.

SILVA, Esequias Soares da. **Teologia, a doutrina de Deus**. In: Teologia Sistemática Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

SILVA, Esequias Soares da (Org.). **Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

ZIBORDI, Ciro Sanches. **Escatologia, a doutrina das últimas coisas**. In: Teologia Sistemática Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.